

Quando Deus fez Alenquer

CRÔNICA DE
LUIZ ISMAELINO VALENTE



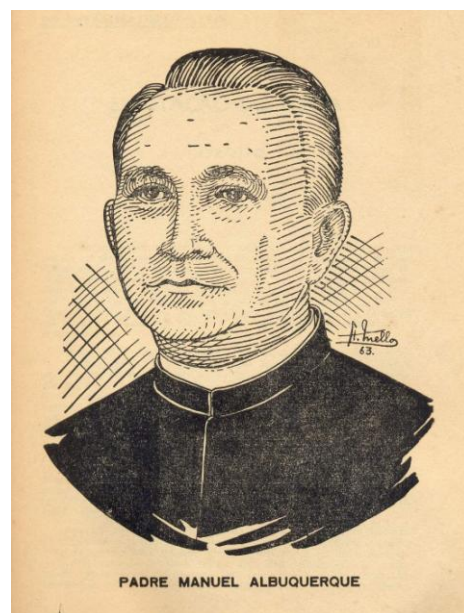
O Padre Manuel Rebouças e Albuquerque nasceu no seringal Monte Carmelo, no rio Acuráua, município de Eirunepé, no Estado do Amazonas.

Passou sua infância em Santarém, onde estudou com a professora Rosinha Passos e depois no Colégio dos padres franciscanos.

Aos treze anos ingressou no Seminário do Tefé, no Amazonas, mas depois foi para Portugal, concluindo seu curso de Humanidades em Braga. Fez seu noviciado na França, ordenando-se sacerdote.

Voltou ao Brasil como missionário na Amazônia, nas fronteiras com a Venezuela, Colômbia e Peru. Mais tarde, radicou-se outra vez em Santarém e lecionou nos Colégios Dom Amando e Santa Clara.

Muito atuante no movimento catequético, exerceu grande liderança principalmente entre os jovens marianos do Baixo Amazonas, participando de memoráveis jornadas religiosas em Alenquer, Monte Alegre, Juruti, Óbidos e Oriximiná. De formação erudita e humanista, eloqüente orador e pregador brilhante, o Padre Manuel, além de cronista, foi também inspirado poeta, autor dos livros “Maria, Minha Poesia” (Braga, Portugal, 1950), “Sorrisos de minha Mãe” (Belém 1960) e “De volta do meu Garimpo” (Rio de Janeiro, 1965).



Apaixonado por Alenquer, o Padre Manuel dedicou à antiga Aldeia do Surubiú, dentre outras composições, os belíssimo sonetos “Alenquer, um sorriso de Deus feito cidade” (que, com a sua concordância, adotei como sub-título do meu livrinho sobre a História de Alenquer, cujos capítulos estou publicando pouco a pouco aqui no Editorial, depois de revisados e atualizados, é claro, porque foram inicialmente escritos há mais de trinta anos) e “Quando Deus fez Alenquer” (ambos incluídos no “Memorial Poético de Alenquer” que espero publicar em breve). Para os chimangos da gema, que, mesmo de

longe, nunca esquecem a terra natal, reproduzo abaixo o belo poema que o Padre Manuel escreveu em 28 de agosto de 1956, enaltecendo Alenquer:

Quando Deus fez Alenquer

POEMA DE
PE. MANUEL ALBUQUERQUE

*Tu não terás na frente recatada
Os diademas das pérolas de Ofir,
E nem verás na dextra calejada
Brilhantes de Golconda a reluzir...*

*Hás de saber que o brilho não é nada
E Eu não posso, Eu não quero permitir,
Que uma ilusão de traga fascinada,
Que um engano te possa seduzir...*

*Eu te farei discreta e pequenina,
Que a Beleza consiste em ser menina,
Nos encantando o olhar e o coração.*

*Alenquer!... Tua Glória de cidade
Há de ser o cultivo da Bondade
O supremo esplendor do teu brasão!...*

